José Pelúcio Ferreira (1928-2002)

Simon Schwartzman

Trabalhei com José Pelúcio no final dos anos 70, sociólogo no meio de tecnólogos, engenheiros, economistas e administradores, ajudando a abrir as áreas de cultura e ciências sociais da FINEP, e desenvolvendo um amplo estudo sobre a história social das ciências no Brasil. Nem todos entendiam o que eu fazia (talvez nem eu mesmo), mas o apoio e a confiança de Pelúcio era uma referência firme e constante, e com isto todas as idéias e possibilidades poderiam ser testadas e experimentadas.

Lembro de José Pelúcio como mineiro que era, não só de fato, mas sobretudo de alma. Do melhor de Minas havia herdado as convicções nacionalistas, a crença de que o Brasil precisava desenvolver suas próprias competências, e fazer o melhor uso de seus recursos. Do melhor de Minas havia herdado também o espírito de homem público, a dedicação à causa que o empolgava, a do desenvolvimento da ciência e da tecnologia nacionais. Estas convicções, no entanto, não faziam dele um homem formal, rígido, e muito menos autoritário. Quem entrasse na sala da Presidência da FINEP naqueles anos encontraria sempre uma conversa descontraída, sem fim, cheia de casos e anedotas, com muito humor e muito riso. Os participantes, quase sempre, eram cientistas, empresários, homens de governo, técnicos da própria FINEP. Pela informalidade Pelúcio conhecia as

pessoas, criava vínculos pessoais, e decidia em quem confiava e com quem gostaria de trabalhar. Como quem não quer nada, as informações fluíam, os juízos eram formados, as decisões tomadas.

A informalidade no estilo estava associada a uma preocupação absoluta com os resultados, e um total desinteresse pelas formalidades e as burocracias. As decisões eram feitas ouvindo quem mais entendesse de cada tema, os recursos eram entregues a quem tinha capacidade de agir e mostrar resultados, e arranjos institucionais e financeiros eram inventados e reinventados a cada momento, conforme o que fosse mais útil e eficiente. Havia um clima e uma sensação de que nada era impossível, sempre haveriam recursos e formas de levar à frente projetos e idéias novas e promissoras.

Pelúcio não se afastava de seus valores e princípios, mas não era um ideólogo. Buscava a competência e a inteligência aonde estivessem, entre civis e militares, conservadores e esquerdistas, homens públicos e empresários. Ele parecia conhecer todo mundo, descrevia em detalhe projetos em áreas técnicas complicadas, e tinha amigos em todos os círculos. Esta abertura de espírito e falta de sectarismo permitia que ele convivesse e fosse bem aceito em todas partes, e conseguisse fazer da FINEP uma instituição que espalhava esperança em tempos ainda tão difíceis do regime militar brasileiro.

Para quem conviveu com Pelúcio naqueles anos, e conheceu a FINEP que ele havia criado, foi uma experiência e uma lição de vida extraordinárias.